

## EXPANSÃO MULTICULTURAL E ARGUMENTAÇÃO COLABORATIVA NO VOLUNTARIADO EDUCATIVO: UMA EXPERIÊNCIA INVESTIGATIVA

Marcela Moura Motta \*  
Fernanda Coelho Liberali \*\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo investigar de que modo as ações dos participantes do *voluntariado educativo* de uma escola da rede privada da cidade de São Paulo instigam expansão multicultural. O foco são atividades realizadas por esses participantes em um Centro da Criança e do Adolescente, juntamente aos alunos da rede pública de ensino. O artigo realiza um estudo pautado na Teoria Sócio-Histórico-Cultural, nos estudos da Argumentação e da multiculturalidade. Resulta na relação entre os sujeitos em constante ligação na produção de múltiplos significados, colaborando para a criação de sentidos e significados dos participantes. Trata-se de uma pesquisa crítica de colaboração, que tem como pressuposto não apenas observar e descrever contextos, mas interferir neles, compreendendo-os e transformando-os, em um movimento único. Embora os dados mostrem expansão multicultural na atividade do *voluntariado educativo*, os resultados indicam que a pesquisadora-participante poderia ter articulado melhor a argumentação e possibilitado que mais contradições ocorressem para a expansão multicultural.

**Palavras-chaves:** Voluntariado educativo. Expansão Multicultural. Argumentação colaborativa.

### MULTICULTURAL EXPANSION AND COLLABORATIVE ARGUMENTATION IN VOLUNTARY EDUCATIONAL - AN EXPERIMENT INVESTIGATION

**Abstract:** This article aims to investigate how the actions perpetrated by participants of an educational volunteer project designed by a private school of São Paulo City generate multicultural expansion. It focuses on the activities developed in a Centre for Kids and Adolescents, with public school students. The article is grounded on the Socio-Historical-Cultural Theory, the argumentative research and multicultural studies. It deals with the relationship among subjects in constant connection in the production of multiple meanings, collaborating to the creation of new senses and meanings. It is organized as a Critical Collaborative Research, which entails not only observing and describing contexts, but interfering on them, through understanding and transforming them. Although the data shows a multicultural expansion in the educational volunteer project activity, results of the analysis indicate that the researcher-participant could have used argumentation in a way to trigger more contradictions which would be essential for the multicultural expansion.

**Keywords:** Educational voluntary. Multicultural expansion. Collaborative argumentation.

### Introdução

O objetivo deste artigo é investigar de que modo as ações dos participantes do voluntariado educativo instigam a expansão multicultural. O estudo centra-se na análise da argumentação colaborativa, desenvolvida em atividades realizadas em um Centro da Criança e do Adolescente, por meio de uma das autoras. O artigo é um recorte da dissertação de mestrado realizado pela pesquisadora-participante,

Marcela Motta, orientada por Fernanda Liberali. Para este artigo, escolhemos concentrar a discussão em um dos aspectos centrais da pesquisa: a relação entre a expansão multicultural e a questão da argumentação colaborativa.

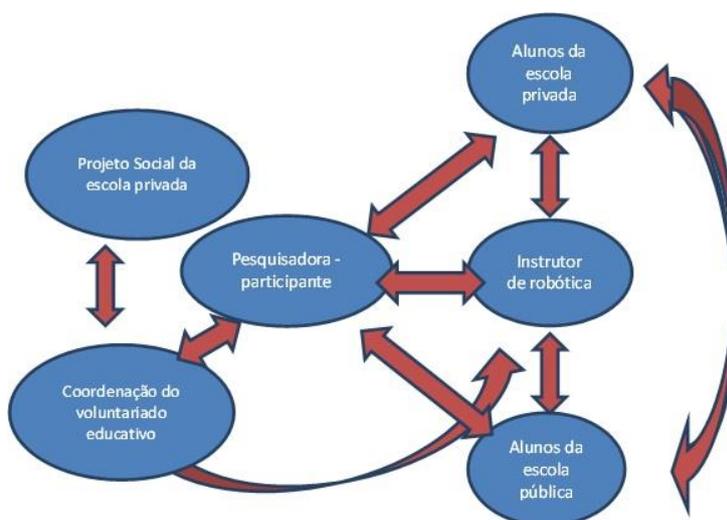
O estudo focalizou as ações desenvolvidas com a pesquisadora-participante, os alunos de uma escola privada da zona oeste de São Paulo e os alunos que frequentavam o Centro da Criança e do Adolescente da rede pública de ensino. Entretanto, durante o período de coleta de dados, o contato com a rede pública foi interrompido. Assim, o centro da pesquisa recaiu em participantes focais: alunos da rede privada e Marcela Motta, aqui identificada como pesquisadora-participante.

No Brasil, a desigualdade de renda assume uma hierarquia em relação aos espaços sociais, produzindo implicações de superioridade e inferioridade, podendo refletir no ambiente social. Estudar um grupo de alunos de diferente escolarização é importante para compreender a multiculturalidade desenvolvida na atividade do projeto do *voluntariado educativo*.

Nesta pesquisa, o *voluntariado educativo* é visto como uma forma de reestruturar as relações entre grupos sociais diferentes em uma atividade que congrega os universos diversos – adolescentes de classes socioculturais distintas. Assim abordamos uma questão: Como os participantes desenvolvem expansão multicultural em uma atividade de *voluntariado educativo*?

Para entender como os participantes da pesquisa realizavam as atividades, apresentamos o Quadro 1, que ilustra as relações entre os sujeitos no projeto.

**Quadro 1:** Relações entre os sujeitos no projeto voluntariado de robótica



O voluntariado no qual os alunos participavam aconteceu em um curso de robótica, ministrado por um instrutor em um Centro da Criança e do Adolescente (CCA). Esse voluntariado oferecia aos alunos da rede pública e privada a oportunidade de aprender robótica, trocando suas vivências e bagagem cultural, proporcionando a ambos os grupos um aprendizado multicultural.

Os alunos tinham contato apenas com o instrutor e a pesquisadora-participante, a qual era professora assistente dos alunos da rede privada. A proximidade e o convívio diário com esses alunos em sala de aula, mostraram que eles poderiam atuar colaborativamente dentro de um ambiente multicultural. Não havia relacionamento dos alunos com a coordenação responsável pelo Projeto Social da escola privada. Esse vínculo foi realizado pela pesquisadora-participante, uma vez que ela era a responsável pelo desenvolvimento desse voluntariado – robótica – na escola privada.

Este artigo fundamenta-se na Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural, cuja base possibilita a expansão multicultural no contexto do *voluntariado educativo*. Ademais, aborda a linguagem em uma perspectiva dialógico-enunciativa, aqui, estudada em seu aspecto argumentativo (LIBERALI, 2013). Os procedimentos metodológicos têm como base a Pesquisa Crítica de Colaboração (Magalhães (2004-2012), aqui, centralizando a discussão de dois excertos a partir das categorias de análise enunciativa, discursiva e linguística (LIBERALI, 2013).

### **A Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural como base para a argumentação colaborativa**

Como fundamentação teórica para este trabalho, discutiremos a Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (TASHC), com a contribuição de Vygotsky (1896-1934) e Leontiev (1904-1979). Nos anos 1980 e 1990, Yrjö Engeström deu continuidade a esses estudos, propiciando novas abordagens dos conceitos apresentados por seus antecessores. A TASHC é norteadora deste artigo para a compreensão do processo de criação e ressignificação dos sentidos e significados<sup>1</sup> dos participantes.

Além disso, sua base se funda no materialismo histórico-dialético (MARX; ENGELS, 1845-46/1999), que busca mostrar a evolução da sociedade ocidental, a

partir do momento em que os homens passaram a produzir seus meios de vida, fato que ocorreu após sua organização social e que determinou a diferença entre os seres humanos e outras espécies de animais. Nessa direção, com o aumento da população, os indivíduos iniciam um processo de trocas por meio da produção.

Ainda, conforme Marx e Engels (1845-46/1999), o que o ser humano produz e as ações que exerce no processo de produção vão determinar aquilo que ele é. Esses filósofos salientam que a realidade não é estática, mas está em constante transformação movida por suas próprias contradições<sup>2</sup>. Então, essa produção característica dos seres humanos está em contínua alteração, visto que são seres dinâmicos e em mutabilidade frequente.

O conceito de atividade, segundo a filosofia marxista, engloba três aspectos: atividade é orientada por um motivo, faz uso de instrumentos de mediação e produz algo como elemento da cultura que, nesse processo, objetiva o indivíduo e ao mesmo tempo subjetiva a atividade (MARX; ENGELS, 1845-46/1999). Acredita-se, assim, que é na e pela atividade que o homem produz cultura.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a atividade humana está relacionada com o processo de produção e com a historicidade dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Por esta se tratar de uma pesquisa com base na multiculturalidade, entende-se que a realidade se transforma a todo instante e que os participantes entram em contradições, por meio da argumentação colaborativa, implicando novas possibilidades de ressignificações de sentidos.

Marx e Engels (1845-46/1999) explicitam que, embora se possa tentar compreender e definir o ser humano pela consciência, pela linguagem ou pela religião, o que realmente o caracteriza é a forma pela qual produz e reproduz suas condições de existência. Isso significa que o sujeito se transforma devido a seu local de vivência e ambientes em que transita.

Vygotsky (1930-35/1988) assumiu essa visão marxista para desenvolver uma teoria que relaciona desenvolvimento e aprendizagem. Seu conceito fundamental é o de mediação. A mediação, como pressuposto da relação Eu-Outro, é importante na perspectiva sócio-histórico-cultural porque é por meio dela que nos modificamos e transformamos a nós mesmos, o outro e o social.

Com base nessa teoria, cada participante segue uma divisão de trabalho preexistente e em desenvolvimento, seguindo regras e contribuindo para alcançar um objeto idealizado que se relaciona com a participação de cada um. A coletividade das atividades fica marcada pela importância da participação de todos os sujeitos envolvidos para o alcance de um resultado. O *voluntariado educativo* pode ser, então, entendido como uma atividade, quando se propõe aos participantes um espaço multicultural, no qual há sujeitos, comunidade, divisão de trabalho, objeto, regras e instrumentos.

**Quadro 2:** A estrutura de um sistema de atividade



Fonte: ENGSTRÖM (1987).

Esta pesquisa enfoca como a linguagem transforma as ações dos participantes em um contexto de sujeitos sócio-histórico-culturais diferentes. Enfatiza questões do contexto escolar e considera que a linguagem proporciona transformações. Em outras palavras, a linguagem é considerada elemento constitutivo, ou seja, instrumento que possibilita “ser sujeito”; isto é, por meio da linguagem, o sujeito, como um ser sociocultural, interage, dialeticamente, com o meio e com outros sujeitos e busca transformar o contexto no qual está inserido em um determinado momento histórico, considerando tanto seu passado como seu futuro.

Nessa direção, a linguagem, em uma perspectiva dialógico-enunciativa, é estudada em seu aspecto argumentativo, como organizadora geradora do

compartilhar sentidos para a transformação do novo, contrariando a concepção da argumentação como um discurso de persuasão. A argumentação, nesta pesquisa, é apoiada em uma visão colaborativa, com a proposta de produção coletiva de significados compartilhados para a comunidade multicultural (LIBERALI, 2013).

Num contexto multicultural, no qual se apresentam múltiplas formas de pensamentos, tratar a argumentação como persuasão é mantê-la em uma fronteira de distribuição desigual de poder. Não há chances de exposição e debates de ideias entre os participantes, pois não há a colaboração, sem a qual não existe a partilha de sentidos.

É de suma importância lembrar Liberali e Magalhães (2009), que tratam a essência da colaboração como um ato que faz o sujeito assumir riscos ao compreender o compartilhamento de significados como um exercício de conflito, de partilha, de apropriação, de recusa, de aceitação, de confrontação e de combinação dos vários sentidos expostos pelo grupo e de criação-transformação.

As contradições estão na base da concepção de colaboração aqui abordada. As contradições no sistema de atividade (ENGESTRÖM, 1999a) criam tensões e conflitos que, ao serem trabalhados, propiciam a produção de novos significados. Dessa forma, as contradições funcionam como fontes de movimentação e transformação colaborativa, isto é, como motores de inovações e descobertas.

No *voluntariado educativo*, quando os participantes conversam sobre algum assunto, surgem contradições e pontos de vista diferentes e, assim, revela-se a possibilidade de transformação na atividade e nos participantes, sujeitos da atividade inseridos numa comunidade multicultural. De uma perspectiva dialógico-enunciativa, Liberali (2013) adota a argumentação colaborativa como fundamental na concepção da educação pautada numa visão multicultural, a qual compreende múltiplas formas de representação da realidade, de sentidos dessa realidade.

Na visão da TASHC, o *voluntariado educativo* pressupõe a questão da multiculturalidade por apresentar várias atividades que se interligam num quadro, constituindo uma rede. Essas atividades, das quais os participantes fazem parte, são diversas, proporcionando a expansão da multiculturalidade.

## **Multiculturalidade, sentidos e significados para entender o contexto do voluntariado educativo**

Os conceitos de multiculturalidade, bem como os de sentido e significado, estes dois últimos centrais na obra de Vygotsky, são também essenciais para este trabalho, uma vez que é importante compreender de que maneira a multiculturalidade colabora para a criação de novos sentidos e significados pelos participantes.

A multiculturalidade, nesta pesquisa, trata a relação entre os sujeitos em constante ligação na produção de múltiplos significados, colaborando para a criação de sentidos e significados nos participantes (LIBERALI, 2008). Em um ambiente multicultural se faz necessária a percepção de múltiplas formas de representação que conduzem a diversos modos de significar.

Na perspectiva de Santos (2008), a diversidade pode ser cultural, epistemológica e ontológica, traduzindo-se em múltiplas concepções de ser e estar no mundo. Para o sociólogo, o próprio ato de conhecer é uma intervenção sobre o mundo, que nos coloca neste e aumenta sua heterogeneidade (SANTOS, 2008, p. 148). Diferentes modos de conhecer, então, terão consequências diferentes e efeitos diferentes sobre o mundo.

Sendo assim, o autor propõe a ecologia de saberes, apontando a abertura de novos modos de conhecimento e o relacionamento entre eles. O contexto desse conhecimento provém de uma globalização hegemônica e uma contra-hegemônica, com relações de poder, de resistência, de dominação e de alternativas de hegemonia e de contra-hegemonia constitutivas dessa globalização. Trata-se de uma ecologia porque, segundo Santos (2010), baseia-se no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e em suas interações sustentáveis, sem comprometer a sua autonomia.

O *voluntariado educativo* apresenta-se como um espaço para observar a ecologia dos saberes, por ser um ambiente de pessoas provindas de diferentes meios sócio-históricos e que, segundo Santos (2008), é local onde se cruzam conhecimentos. Santos (2008) ainda afirma que a ecologia de saberes é a epistemologia da luta contra a injustiça cognitiva por se importar em ir além da distribuição equitativa do conhecimento científico; por não renunciar aos

conhecimentos científicos, mas também credibilizar os conhecimentos não científicos; por admitir os limites de qualquer tipo de conhecimento; por reconhecer os papéis dos conhecimentos na sustentação de práticas e na constituição dos sujeitos. Portanto, quem considera a ecologia de saberes precisa trabalhar de forma a reconhecer a presença da pluralidade de conhecimentos.

Por meio da atividade do *voluntariado educativo*, é possível pressupor que todas as práticas de relações entre os sujeitos e entre eles e a natureza implicam mais de uma forma de saber. E essas maneiras de saber são expressas pela palavra, pela linguagem, que abre caminho para as contradições e ressignificações dos sujeitos.

Liberali (2013) esclarece que a argumentação tem papel fundamental como suporte para o encontro de múltiplas culturas, pois é por meio da argumentação que os sujeitos têm acesso a posições distintas, que são aprofundadas por sustentações e bases de natureza diversa, as quais podem ser contestadas por visões contrárias. A argumentação colaborativa torna-se base necessária para o aparecimento de possibilidades de escolhas, pelos participantes da interação, na tomada de decisões sobre seus modos de viver, pois está permeada pelo discurso internamente persuasivo, que envolve a transformação ideológica da consciência individual (BAKHTIN, 1934-35/1975/1998). O discurso internamente persuasivo compreende:

[...] a interação máxima da palavra do outro com o contexto, a sua influência dialogizante recíproca ao desenvolvimento livre e criativo da palavra de outrem, às graduações das transmissões, ao jogo de fronteiras, aos pródromos longínquos da introdução pelo contexto da palavra alheia e as outras peculiaridades que expressam a mesma essência da palavra interiormente persuasiva. (BAKHTIN, 1934-35/1975/1998, p. 146).

De acordo com Liberali (2012), a voz internamente persuasiva cria sustentações para o pensamento autônomo e constitui a arena de tensão e de conflito com outros discursos internamente persuasivos. Para a autora, se não houver colaboração, a argumentação oferece aportes para a manutenção de desigualdades e de significados cristalizados, aproximando-se da ideia de persuasão e convencimento das perspectivas teóricas da retórica e da lógica, caracterizando-se

como um discurso autoritário, que não permite uma compreensão livre. Esse tipo de discurso força um entendimento incondicional; ele é apenas transmitido e o indivíduo o aceita ou o recusa por completo.

Nessa linha, Magalhães (2010) aponta que a construção de um ambiente colaborativo não é uma tarefa fácil, pois os participantes envolvidos na atividade se constituem diferentemente por serem parte de contextos sócio-histórico-culturais diversos, com diferentes compreensões sobre o mundo e sobre si mesmos e que, conseqüentemente, divergem em suas escolhas sobre modos de agir.

Segundo Magalhães e Oliveira (2011), a constituição do sujeito ocorre no processo interativo, de forma mútua. Para ambos “colaboração precisa ser pensada na construção de um processo reflexivo-crítico, em que a organização da linguagem possibilite o foco nas contradições estabelecidas nas relações entre os participantes, motivadas por diferenças sócio-históricas” (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p. 111).

Por isso, o trabalho colaborativo estará sempre focado nas contradições que se materializam nas relações humanas, pois é a partir da negociação dessas contradições que a colaboração também se materializará.

## **A metodologia do trabalho**

Metodologicamente, este estudo está fundamentado pela Pesquisa Crítica de Colaboração, desenvolvida por Magalhães (2004-2012), que tem como pressuposto interferir nos contextos possibilitando que todos sejam agentes de suas ações, por meio da colaboração e da contradição. A denominação ‘crítica’ resulta da intenção de transformar os contextos nos quais a investigação se desenvolve; e o qualificador ‘de colaboração’ pressupõe a participação ativa e conjunta dos participantes na negociação dos sentidos e significados mediada pela linguagem.

Para a produção de dados, após autorização dos envolvidos e responsáveis, foram realizadas as seguintes atividades: gravações em áudio de dez aulas e uma entrevista.

Como corpus deste artigo, selecionamos uma entrevista coletiva com os alunos da rede privada, um encontro com alunos das escolas privada e pública, na qual brincamos de um jogo de tabuleiros, denominada de aula 8. Essa aula foi escolhida por ter sido apontada pelos alunos da escola privada, na entrevista, como

um momento importante entre os alunos. Os sujeitos participantes foram os focais (pesquisadora-participante e 5 alunos da rede privada) e os não-focais (10 alunos da rede pública).

Para a análise de dados, foram escolhidas as categorias de análise enunciativa, discursiva e linguística. Como pontua Liberali (2013), os aspectos enunciativos de análise estão focalizados no contexto do evento realizado, na dialética entre o local, o momento, os participantes, os objetivos e os conteúdos abordados e, também, seus modos de produção e realização. Portanto, para analisar as interações ocorridas nos encontros, os dados foram organizados e categorizados a partir dos objetivos da interação e dos papéis dos interlocutores (enunciadores) por meio dos conteúdos temáticos que foram trabalhados nas aulas.

Os aspectos discursivos escolhidos para análise desta pesquisa são constituídos por mecanismos de plano organizacional que são: abertura, desenvolvimento e encerramento; organização temática, ou seja, se há ou não desenvolvimento ou pertinência e articulação, na qual envolve mecanismos utilizados para fazer perguntas. Essa forma de organizar discursivamente a interação cria multiplicidade de participação. A discussão de características linguísticas foi realizada a partir da abordagem de aspectos da materialidade do texto (LIBERALI, 2013). Os mecanismos de composição do discurso, aqui considerados são: mecanismos conversacionais, de coesão verbal, de conexão, de distribuição de vozes, de interrogação e de modalização.

As categorias de interpretação estão relacionadas ao enfoque teórico discutido nas seções “A Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural como base para a argumentação colaborativa” e “Multiculturalidade, sentidos e significados para entender o contexto do voluntariado educativo”, a saber: multiculturalidade, sentidos e significados.

Levando em conta uma pesquisa que envolve as relações coletivas entre pesquisadora-participante e alunos de espaços de culturas diferentes, a PCCol ocupa seu espaço para entender criticamente como se constrói a interação multicultural do contexto estudado. É importante constatar, então, quais são as necessidades da comunidade, a historicidade de cada um, já que cada ser humano está inserido em um contexto diferente e traz suas experiências vividas para formar

um sentido novo, que só poderá ser compreendido na medida em que se considerar o sujeito histórico-social.

### **Discussão dos resultados: o voluntariado educativo em foco**

O *voluntariado educativo*, aqui exposto, trata da integração multicultural, a partir do qual participantes dialoguem, reconhecendo um ao outro, de acordo com a perspectiva enunciativa de Bakhtin (1979/1992), que enfatiza o caráter dialógico da palavra, configurando-a enquanto uma arena de luta pela significação; ou seja, a palavra se transforma por ser ouvida e empregada por outrem numa produção de interação social, a partir de pontos de vista de quem a emprega. Vygostky (1934/1987) afirma que a palavra evolui, que novos significados são produzidos, na medida em que os sujeitos externalizam e partilham seus sentidos.

Para exemplificar a discussão dos dados, selecionamos três excertos, por se tratarem de encontros nos quais ocorreram momentos mais significativos de reflexão entre os participantes, discutindo sentidos e significados dos contextos vivenciados por eles no momento do jogo, bem como esclarecendo qual evento foi mais relevante para eles, durante os encontros. Esse teor é altamente pertinente para identificar o desenvolvimento da multiculturalidade pesquisada neste estudo.

A cena de que esse excerto faz parte foi continuação de uma entrevista realizada pela pesquisadora-participante com os participantes focais. O propósito foi identificar um evento dramático que, segundo Vygotsky (1934, p. 121) relata, é um processo de significação produzido pelos sujeitos em suas relações sociais que pode ganhar dimensões sociopolíticas e afetivas, uma vez que em muitos momentos os indivíduos são convocados não somente a pensar, mas também a “dar sua palavra”, tomando decisões e expressando sua volição e isso implica escolhas, ganhos e perdas.

O excerto se inicia com uma questão controversa solicitada por PP:

M... então pra você o que você acha que foi mais marcante? uma atividade... um momento? um entrosamento? uma integração? que que cê/ acha que... pra/ você... foi mais marcante? (pesquisadora-participante)

Aqui, a pesquisadora-participante empregou o advérbio então afetivamente,

revelando interesse pela resposta do aluno, e o adjetivo marcante, qualificando o tipo de atividade em que situava sua questão. M posicionou-se falando sobre o mais significativo para ele durante o projeto e exemplificou como isso aconteceu.

o que mais marcou foi quando fizemos duplas...um do colégio e um do Centro pra/ gente falar sobre o projeto acho...porque acho que a gente aproximou um pouco o Centro do colégio naquela hora e é:: a gente também percebeu que a gente não tava/ fazendo muito nada até um pouco antes... (aluno M).

Após M explicar o momento mais significativo, a pesquisadora-participante faz outra pergunta direcionando a resposta do aluno.

tá... e lá... enquanto vocês estavam lá fora... teve alguma coisa que você achou interessante? conhecer um pouco a vida dos meninos? Cês/ chegaram a conversar? não? (pesquisadora-participante)

Conforme Liberali (2013), os aspectos enunciativos são importantes para possibilitar a formação crítica argumentativa ao enunciador. Esse aspecto metodológico evidencia o contexto do evento realizado, a dialética entre os interlocutores e os conteúdos abordados.

Seguindo a metodologia da PCCol, a pesquisadora-participante caracteriza os alunos, como sujeitos da pesquisa, conferindo-lhes a possibilidade de transformarem os contextos nos quais a investigação se desenvolve, além de proporcionar a participação ativa e conjunta dos participantes na negociação dos sentidos e significados mediados pela linguagem.

O segundo excerto foi uma cena da aula 8, cujo objetivo era conversar sobre cidadania por meio de um jogo de tabuleiro. As iniciais com asterisco são os participantes focais.

O excerto iniciou-se com o questionamento da pesquisadora-participante com relação à palavra (respeito) escolhida por duas duplas para eliminar outra palavra do jogo (humilhação).

escolhe uma palavra com a sua dupla...respeito? e vocês acham o quê? ...respeito também... por que que vocês acham que respeito vai tirar a pedra da humilhação? (as duplas escolheram as palavras sem ver qual a palavra que a outra dupla pegava). (pesquisadora-participante)

Ela fez um pedido de explicação e F\* corroborou sua resposta, exemplificando o verbo humilhar.

porque você humilha uma pessoa quando você não tem respeito por ela... quando você tira sarro dela...o tempo todo sem respeito... e isso não existiria... (Aluno F\*)

M\*, por sua vez, entrelaçou sua voz à de F\* colocando a palavra *bullying* como definidora do que é humilhar, desrespeitar. *é o bullying..* (Aluno M\*).

A pesquisadora-participante solicitou o esclarecimento para o conceito de *bullying*.

“o bullying é uma forma de desrespeitar? é isso? o que que vocês acham?” (pesquisadora-participante)

Porém, a pesquisadora-participante fez uma pergunta de sim/não, seguida de um pedido de concordância, não sendo possível o desenvolvimento da resposta de F\* ou M\*. Houve um rompimento da possibilidade de apoio que revelasse interesse e consideração pelas colocações dos alunos. Isso pode ser evidenciado pela falta de perguntas que enfocam as contradições, com o objetivo de aprofundar os temas discutidos como promotores de novas compreensões (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011).

Conforme Magalhães (2011), a colaboração envolve, além de uma intencionalidade em agir e falar para ouvir o outro e ser ouvido, ações intencionais para assinalar contradições nas colocações feitas, quanto a sentidos e significados historicamente produzidos, entre os sistemas de atividade. Pode-se dizer, assim, que colaborar é um processo de construção com outros, em que os sujeitos trabalham juntos na compreensão e transformação de si mesmos, de outros e do mundo. Esse processo desencadeia a possibilidade de que múltiplas formas de pensar e agir venham à tona. Dessa forma, cria possibilidade de expansão multicultural.

Segundo Liberali (2013) argumentação colaborativa torna-se base necessária para o aparecimento de possibilidades de escolhas, pelos participantes da pesquisa, na tomada de decisões sobre seus modos de viver. A pesquisadora-participante não

possibilitou que surgissem novos argumentos dos participantes, limitando, dessa forma a expansão multicultural na atividade.

O entrelaçamento de vozes abre espaço para a criação colaborativa entre os sujeitos. Ao externalizarem seus pensamentos, por meio da linguagem, um age na fala do outro, entrelaçando suas vozes e entendendo as semelhanças, diferenças, complementaridades, entre outros, permitindo que todos possam ir além de seus próprios pensamentos. Isso está relacionado à afirmação de Engeström (1999a), ao explicar que a atividade é uma reorquestração da multiplicidade de vozes e pontos de vista de cada um de seus participantes.

Apesar de a participante ter oferecido pouco espaço para diferentes vozes, durante o desenvolvimento da cena, TY deu continuidade ao processo de interação verbal, construindo seu discurso pela implicação do papel do colega.

eu acho que é muita falta de respeito... (Aluno TY)

Essas vozes, constituídas sócio-histórico-culturalmente (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1929/2010), estão envolvidas na colaboração, uma vez que elas são inseridas na fala entre o Eu-e-o-Outro, com abertura ao questionamento de si mesmo (LIBERALI; MAGALHÃES, 2009).

Evidenciando a argumentação colaborativa, Liberali e Magalhães (2009), apontam a importância da colaboração como um ato que faz o sujeito assumir riscos ao compreender o compartilhamento de significados como um exercício de conflito, de partilha, de apropriação, de recusa, de aceitação, de confrontação e de combinação dos vários sentidos expostos pelo grupo e de criação-transformação. Isso comprova que para colaborar é necessária a contradição, o que permite a expansão multicultural pela diversidade de possibilidades que o processo gera.

Ao questionar o que poderia ser 'humilhar', além do que já havia sido pontuado por TY, a pesquisadora-participante abriu espaço para que os outros alunos pudessem entrelaçar suas falas, trazendo seus sentidos à discussão. Ao fazer essa pergunta, a pesquisadora-participante construiu um contexto de colaboração (MAGALHÃES, 2010), no qual haveria espaço para o compartilhar.

Abrir espaço para um contexto de colaboração é argumentar colaborativamente e, como Liberali (2013) ressalta, a argumentação é fundamental

na concepção de educação pautada numa visão multicultural, a qual compreende múltiplas formas de representação de sentidos da realidade. A argumentação colaborativa torna o debate significativo aos participantes e faz com que eles ajam de maneira a atingir uma transformação social (LIBERALI, 2013). Porém, é necessário que haja sujeitos articulando a argumentação nesse contexto multicultural. Infelizmente, esse processo de condução colaborativa realizado pela pesquisadora-participante foi tímido, pois não evidencia o princípio da argumentação colaborativa.

O terceiro excerto é a continuidade do jogo ocorrido na aula 8. A cena de que foi extraído esse excerto aconteceu durante a discussão da terceira dupla para a finalização da jogada, em que uma das palavras deveria ser a ideal para a 'falta de estrutura da escola'- envolvimento ou respeito.

Uma dupla – GD\* e A – escolhe a palavra envolvimento.

vâmo/ lá... então ó:... a gente vai tirar a 'falta de estrutura da escola'... heim...que palavra que cês/ vão usar? (Pesquisadora-participante)  
'Falta de estrutura na escola' era a pedra que ocupava uma das casas em que as duplas caíram.  
envolvimento... (Alunos GD\* e A)  
envolvimento...e aí? a outra dupla pensou em? (Pesquisadora-participante)  
A outra dupla – W e H – escolhe a palavra respeito.  
:...respeito... (H e W)

Então, a discussão se inicia:

eu acho que é envolvimento, porque se as pessoas se envolvessem com a estrutura da escola não teria problemas... se o Governo se envolvesse mais com as escolas, elas teriam mais... elas seriam melhores e teriam mais recursos... (Aluno GD\*)  
é vero (Aluna A)

A, que é aluna da rede pública, concorda com o pensamento de GD\*, aluno da escola privada. Por ser um local de sujeitos com origens sócio-históricas distintas, há uma multiplicidade de realidades e, conforme trata Liberali (2013), se nesse espaço há múltiplas possibilidades de representar e viver a realidade, então esse contexto é privilegiado para a reflexão de vivências que permite a construção de bases para escolhas de como ser no mundo.

Nesse momento, W manifestou sua decisão com uso do verbo 'querer' no

turno “*quero ficar com respeito*” e fez uma tentativa de explicação, a qual não foi bem sucedida, pois teve seu turno interrompido por H que, também, teve seu turno interrompido por A, que contra-argumentou em relação às respostas anteriores. Constata-se um jogo de palavras e discordâncias entre A, H e W.

quero ficar com respeito... na sala de aula tem muita falta de educação com nós/  
mesmo... com [ (Aluno W)  
é...quando a professora tá explicando [ (Aluno H)  
tem nada a ver... tem nada a ver. cês/ tão/ explicando respeito... cês/ tem  
que explicar por que essa palavra tem a ver com falta de estrutura na  
escola...(Aluna A)  
então...respeito...(Aluno H)  
falta de estrutura...(Aluna A)  
então...estrutura é o quê? (Aluno H)  
então...o que que você acha que é estrutura? (Pesquisadora-participante)  
os professores da prefeitura tavam/ de greve e eles conseguiram que as  
salas...não tivessem mais 40 alunos dentro de uma sala de aula... (Aluna A)  
então...só muda isso...agora outra coisa muda? (Aluno W)  
agora...me fala uma coisa... W... isso que a A trouxe agora... que os professores  
conseguiram com que diminua o número de alunos... se diminuir o número de  
alunos dentro de uma sala... talvez os alunos (Pesquisadora-participante)  
aprendam mais. (Aluna A)

O turno no qual W materializou seu pensamento, verbalizando-o, discordando e confrontando A por meio da colocação “*então...só muda isso...agora outra coisa muda?*”, indica que a historicidade de cada indivíduo o transforma para construir o modo como ele desenvolve sua perspectiva multicultural sobre fatos e expressões, como a discutida neste excerto (estrutura da escola). W frequenta a mesma escola que A e reside no mesmo bairro também; porém, ao se confrontarem, tornam possível a combinação dos vários sentidos expostos pelo grupo e da criação-transformação. Isso revela que colaborar não é aceitar o que o outro diz sem a existência da contradição (LIBERALI; MAGALHÃES, 2009).

Desse modo é possível identificar que W adota um sentido diferente tendo em vista as colocações de A porque suas identidades refletem escolhas políticas e interações contínuas com outros sujeitos do espaço social.

A pesquisadora-participante possibilitou, em alguns momentos, que os alunos pudessem ir além da simples distribuição equitativa do conhecimento científico, promovendo a produção ecológica de saberes com a participação dos sujeitos e seus diferentes saberes; a percepção da vontade de lutar contra a desorientação,

reconhecendo que não há caminhos absolutos nem verdades únicas, apenas permanentes processos de escolhas (SANTOS, 2008). Dessa maneira, como trata Liberali (2013), seria possível, por meio da argumentação e da contradição pontuadas no excerto, a produção coletiva de significados compartilhados para a comunidade multicultural. Essa é a visão da argumentação como articuladora da multiculturalidade.

A característica humanizadora da metodologia da pesquisa crítica de colaboração abriu mais espaço para que os participantes fossem agentes de suas ações, por meio dos conflitos, contradições e capacidade de transformarem seus contextos, quando participam expondo seus pontos de vistas e contra-argumentando opiniões de seus pares. No caso desse excerto, há a presença de contradição. No entanto, os pontos de vista não são aprofundados com sustentações que permitem uma interação de vozes (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1929/2010) e uma compreensão aprofundada das razões para as escolhas multiculturais feitas por cada um dos participantes. Além disso, a pesquisadora-participante não os questiona para gerar sustentação ou apreciação das diversas formas de entender a realidade e de se posicionar frente a ela.

De maneira semelhante, nesse momento, embora se realize uma apresentação das vozes discordantes dos diferentes participantes, o que aponta para um contexto de dessilenciamento, pouca expansão multicultural é realizada. Como não há sustentação ou aprofundamento de razões, exemplificações, descrições, explicações, os diferentes posicionamentos não se mobilizam para além da superfície de ideias diferentes, em uma expansão ampla e multicultural.

## **Considerações Finais**

É preciso retomar a questão que nos angustia: Como os participantes desenvolvem a expansão da multiculturalidade em uma atividade do voluntariado educativo?

Respondendo a pergunta, constata-se que há multiculturalidade presente nos espaços em que os alunos das escolas privada e pública se encontraram. Este é, por sua própria natureza, um ambiente híbrido, potencialmente compartilhador de

sentidos e significados; espaço fecundo em diferenças sócio-históricas-culturais, possibilitador do desenvolvimento da educação multicultural, pois é local em que os alunos podem conversar sobre suas vidas e experiências. No entanto, ao responderem a entrevista, os alunos da rede privada citaram somente um dos encontros como gerador de um evento dramático em que esse compartilhamento se tornou legítimo.

Embora o conjunto dos dados da pesquisa mostre expansão multicultural na atividade do *voluntariado educativo*, fica evidente, por meio da entrevista na qual os alunos da rede privada foram questionados sobre eventos dramáticos e os excertos da aula 8 analisados, que a pesquisadora-participante poderia ter articulado melhor a argumentação e possibilitado que mais contradições ocorressem para a expansão da multiculturalidade. Isso revela o quanto é necessário assumir riscos ao compreender o compartilhamento de significados como um exercício de conflito, de partilha, de apropriação, de recusa, de aceitação, de confrontação e de combinação dos vários sentidos expostos pelo grupo (LIBERALI; MAGALHÃES, 2009).

Ao final desta análise, é importante compreender que as ações da pesquisadora-participante precisam ser pautadas nas ações da argumentação colaborativa para que haja possibilidade de geração de uma expansão multicultural, com base na transformação proporcionada pelas reflexões. Agir pensando em expansão multicultural proporciona a oportunidade de construir significados sobre o assunto tratado, sob a perspectiva de Bakhtin (1979/1992), que enfatiza o caráter dialógico da palavra enquanto uma arena de luta pela significação. Isto é, a língua está em constante evolução na interação verbal social dos interlocutores e quando um sujeito fala, ele abre possibilidades de respostas. O ouvinte compreende e (re)avalia o enunciado a partir da sua ideologia, de seus valores.

No momento em que os alunos constroem um sentido para falta de estrutura na escola, durante a aula na qual ocorreu um jogo de tabuleiros, abre-se espaço para a troca de experiências entre os participantes, alterando-se a totalidade existente. Mas, para que essa proposta seja realmente multiculturalmente expansiva, é necessário aprofundar o caráter das discussões por meio de questões que instiguem a sustentação e entrelaçamento das ideias.

Nesta experiência investigativa, houve possibilidades para a pesquisadora-

participante refletir sobre como legitimar as múltiplas formas de crítica e contra-argumentos, assegurar ampla participação de diferentes vozes e criar espaços seguros para permitir aos alunos falarem por si. E, para isso acontecer, é importante apresentar múltiplas formas de agir no mundo.

Nessa direção, o estudo aponta para a importância das perguntas para expansão multicultural. Perguntar pressupõe interação; portanto, quando um professor pergunta, está, automaticamente, convidando o participante a uma postura ativa. Como Magalhães (2010) aponta, a construção de um ambiente colaborativo não é uma tarefa fácil.

Contudo, é de fundamental importância que os pesquisadores crítico-colaborativos se tornem também aprendizes envolvidos nas atividades e se sintam em processo de desenvolvimento nos contextos sócio-histórico-culturais diversos em que atuam. Dessa forma, poderão identificar as diferentes compreensões multiculturais sobre o mundo e sobre si mesmos e entender que trabalhar com escolhas multiculturais envolve discordâncias sobre modos de agir. Para um ambiente de expansão multicultural se realizar, é preciso que todos os participantes, principalmente os pesquisadores, se sintam realmente mobilizados a construir novas possibilidades de si.

## **Notas**

\* Marcela Moura Motta é pedagoga e mestre em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2014). Atualmente é professora do Colégio Santa Cruz, São Paulo. Possui doze anos de experiência na área de Educação. E-mail: [mamamotta@hotmail.com](mailto:mamamotta@hotmail.com)

\*\* Fernanda Coelho Liberali é professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, no Departamento de Inglês e nos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) e em Educação e Formação de Professores (FORMEP). Possui pós-doutorado pela Universidade de Helsinki e pela Freie Universität Berlin. Atualmente, realiza estágio de pós-doutoramento na Rutgers University. É líder do GP/CNPq/PUC-SP Linguagem em Atividade no Contexto Escolar, representante brasileira do comitê internacional do Simpósio Internacional de Bilinguismo e Educação Bilíngue na América Latina (BILINGLATAM) e coordenadora geral do projeto nacional de extensão e pesquisa DIGIT-M-Ed Hiperconectando Brasil. E-mail: [liberali@uol.com.br](mailto:liberali@uol.com.br)

<sup>1</sup> O sentido, para Vygotsky (1934/1987), é pessoal, trazido pelo sujeito a partir de suas experiências e história. Dessa forma, o sentido expressa a consciência, ou seja, a totalidade dos eventos psicológicos que a palavra desperta na consciência. Já, o significado, é um traço constitutivo da palavra; é a unidade da palavra com o pensamento. A palavra é generalização uma vez que o significado da palavra pode se modificar em sua natureza

interior, modifica-se também a relação pensamento e palavra. O significado da palavra evolui na medida em que os sujeitos entram em contato com novos sentidos e se desenvolvem.

<sup>2</sup> De acordo com Engeström (1999a), as contradições não são apenas traços inevitáveis da atividade, mas sim a força motriz das mudanças e do desenvolvimento nos sistemas de atividade.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail (1934–35/1975). O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. (1979) **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

ENGESTRÖM, Yrjö. **Learning by expanding ten years after**, 1999a. Disponível em: <<http://lchc.ucsd.edu/mca/Paper/Engestrom/expanding/intro.htm>> Acesso em: 30 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Learning by expanding: an activity-theoretical approach to developmental research**. Helsinki: Orienta-Konsultit, 1987.

LEONTIEV, Alexei Nikolaievich. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978a.

\_\_\_\_\_. Activity and consciousness. In: \_\_\_\_\_. **Philosophy in the URSS**. Progress Publishers, 1977. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1977/leon1977.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

LIBERALI, Fernanda. **Argumentação em contexto escolar**. Campinas: Pontes, 2013.

\_\_\_\_\_. Argumentation: tool and object in teacher education. In: MEDRADO, Betânia Passos; REICHMANN Carla Lynn (Orgs.). **Projetos e práticas na formação de professores de língua Inglesa**. João Pessoa, PB: Editora Universitária UFPB, v. 1, 2012, p. 1-24.

LIBERALI, Fernanda; MAGALHÃES, Maria Cecilia Formação de professores e pesquisadores: argumentado e compartilhando significados. In: TELLES, João. A. (Org.) **Formação inicial e continuada de professores de línguas: dimensões e ações na pesquisa e na prática**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009, p. 43-66.

MAGALHÃES, Maria Cecilia Vygotsky e a pesquisa de intervenção no contexto escolar: A pesquisa crítica de colaboração – PCCOL. In: LIBERALI, Fernanda; MATEUS, Elaine; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Org.). **A teoria da atividade sócio-**

**histórica-cultural e a escola recriando realidades sociais.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 13-26.

\_\_\_\_\_. Pesquisa crítica de colaboração: uma pesquisa de intervenção no contexto escolar. In: SILVA, Léa S. P.; LOPES, Jader Jane M. (Org.). **Diálogos de pesquisas sobre crianças e infâncias.** Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010, p. 20-40.

MAGALHÃES, Maria Cecília; OLIVEIRA, Wellington. **Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade.** Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1845-46). **A ideologia alemã.** Edição Ridendo Castigat Mores. Rocket Edition, 1999.

SANTOS, Boaventura S. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch (1930-35) **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido em: março de 2016.

Aprovado em: outubro de 2016.